

# *Imagens e memórias: uma análise da participação da força expedicionária brasileira na segunda guerra mundial*

Marcos Antônio Tavares da Costa\*

## **RESUMO**

Em julho de 1944, desembarcaram, na Itália, os primeiros cinco mil homens da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que participariam dos combates contra o poderoso Exército Alemão na Segunda Guerra Mundial, que já durava cinco anos. A população no Brasil tinha expectativas de que tudo não fosse além de uma participação modesta, haja vista que o Exército Brasileiro padecia de uma melhor organização e modernização, deixando-o em ampla inferioridade ao ser comparado com os outros países aliados, como os Estados Unidos e a Inglaterra. Para as famílias dos combatentes, no entanto, a guerra era um pesadelo cruel, com a possibilidade da perda de pessoas queridas e a saudade que crescia a cada dia. As batalhas, o dia a dia nos acampamentos, as necessidades de adaptações ao novo ambiente e as agruras da guerra foram sendo conhecidas e vencidas pelos militares e, após quase 11 meses de participação, a FEB terminou vitoriosa ao contribuir para a derrota dos alemães e para a libertação da Itália.

**Palavras-chave:** FEB. Expedicionário. Fotografia.

## **ABSTRACT**

In July of 1944 they had disembarked, in Italy, first the five a thousand men of Force Brazilian Expeditionary (FEB) that they would participate of the combats against the powerful German Army in 2<sup>a</sup> World War, that already lasted 5 years. Population in Brazil had expectations of that everything was not beyond a modest participation, has seen that the Brazilian Army suffered of one better organization and modernization, left that it in ample inferiority to if comparing with the other countries allies, as the United States and

---

\*Graduado Oficial do Exército Brasileiro pela Academia Militar das Agulhas Negras, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Mestre em História pela UFJF.

England. For the families of the combatants, however, the war was a cruel nightmare, with the possibility of the loss of dear people and the homesickness that grew to each day. The battles, day-by-day in the encampments, the necessities of adaptations to the new environment and the difficulties of the war had been being known and been successful for the military, and, after almost 11 months of participation, the FEB finished victorious person when contributing for the defeat of the Germans and the release of Italy.

**Key-words:** FEB. Expeditionary. Photograph.

## 1 INTRODUÇÃO

A tropa brasileira que desembarcou na Itália em 1944 para participar dos embates da Segunda Guerra Mundial (2ª GM), materializou o momento de maior triunfo das Forças Armadas desde a Guerra do Paraguai, antes mesmos que os primeiros tiros fossem disparados por seus soldados.

Mesmo com a desconfiança de boa parte da população quanto à efetivação dessa participação brasileira, o governo Vargas buscou o cumprimento de um objetivo quase impossível de tornar um Exército atrasado, com materiais e técnicas obsoletas, apto para combater, ao lado do poderoso Exército Norte-americano, contra a maior “máquina” de guerra que o mundo já viu: as forças armadas alemãs.

A história da epopéia brasileira ainda é pouco conhecida pelo povo. Não apenas devido aos mais de sessenta e cinco anos que separam os jovens de hoje dos “vovôs” veteranos, mas, também, entre outros fatores, da falta de material visual, fotos ou filmes, sobre um conflito que ocorreu em um local muito distante do nosso país.

As fotos que retratam a Força Expedicionária Brasileira (FEB) são, em sua maioria, de cunho oficial, haja vista a cobertura jornalística de componentes do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinham a tarefa de documentar a guerra, com a finalidade de apoiar a propaganda pró-Getúlio Vargas. Havia, também, fotógrafos de entidades de comunicação, como o “Correio da manhã” e “O Globo”, que foram cobrir a participação brasileira com finalidade de transmitir à sociedade o que se passava na Itália. E, por fim, houve as fotos que eram obtidas por máquinas particulares de propriedade dos militares brasileiros, que, devido ao preço e à disponibilidade eram um artigo de luxo nas mãos de muito poucos.

A finalidade deste artigo é realizar uma análise da participação da

FEB, a partir de uma série de fotos oficiais, comerciais ou particulares, que retratam a sua formação, o treinamento no Brasil e na Europa, a viagem de ida, as batalhas, o cotidiano do pracinha e o retorno dos 25000 brasileiros que foram à guerra.

## **2 A SELEÇÃO**

O Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante das tropas brasileiras, relatou a dificuldade da seleção do pessoal que iria compor a FEB<sup>1</sup>. Esse militar relatou a característica predominante de “homens franzinos”, que teriam, no entanto, boa resistência física. Segundo Mascarenhas, é necessária a robustez física para um bom rendimento na guerra, pensamento resultante de uma comparação com os resultados dos militares norte-americanos em diversas ocasiões da 2ª GM.

Para o Coronel Paiva, responsável pela seleção médica do pessoal da FEB, houve problemas em se conseguir um contingente com essa “robustez” desejada<sup>2</sup>. Ao se analisar as fotos Nr 1 e 2, observa-se que o combatente brasileiro era quase desnutrido, não por motivos de características nacionais, mas sim porque eram oriundos, em sua maioria, de classes menos favorecidas, segundo nos informou o veterano Raimundo Nonato<sup>3</sup>.

Aqueles que vinham de regiões cuja população possuía jovens com características físicas e alimentares diferentes, como o sul do País, destacavam-se visualmente daquela maioria da FEB, formada por homens da região sudeste e reforçada com representantes de todas as regiões brasileiras<sup>4</sup>.

Na foto 1 observa-se os soldados durante uma sessão de educação física. É uma foto particular e nela constata-se a pouca robustez dos militares envolvidos, independente de sua origem.

Na Foto 2, um grupo de militares se perfila para a foto. Observa-se, também, um perfil físico que não se identifica com um padrão desejado e que, segundo o pensamento dominante dos militares do Comando da FEB, seria ideal para o homem que fosse empenhado nos combates.

<sup>1</sup> MORAES, João Batista Mascarenhas. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: IPE, 1946. p.16.

<sup>2</sup> GONÇALVES, Carlos Paiva. **Seleção médica do pessoal da FEB**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951. p. 45-46.

<sup>3</sup> MONTEIRO, **Raimundo Nonato Monteiro**. Depoimento [Abr 2006]. Entrevistador: Marcos A. Costa. Juiz de Fora: UFJF – MG, 2004. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para a dissertação do autor.

<sup>4</sup> MCCANN JR, Frank D. **A aliança Brasil-Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995, p. 180.

Essa foto faz parte do acervo particular da Associação dos Veteranos da FEB, em Juiz de Fora, e foi produzida por um dos veteranos. Sua informalidade indica a despreocupação do seu autor com a formação de uma imagem para a posteridade e para a propaganda política sobre a FEB.

Foto 1



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 2011.

Foto 2



Fonte: Arquivo Fotográfico da Associação dos Veteranos da FEB – Juiz de Fora. 2011.

Depoimentos dos veteranos e dos médicos responsáveis pelos exames feitos antes da partida e que deixaram algumas observações em livros e revistas são informações que coadunam com as observações levantadas pela análise de fotos como as já apresentadas: o problema da falta de jovens bem constituídos fisicamente não foi resolvido com a seleção dos avaliados. O perfil daqueles homens era o oposto ao idealizado pelo Exército, mas dentro da realidade do País na época.

### **3 OS TREINAMENTOS NO BRASIL E NA ITÁLIA**

O treinamento realizado no Brasil foi mais um obstáculo vencido pelos oficiais que integravam a FEB e que eram os responsáveis pela instrução. O Exército exercia a doutrina francesa de guerra, voltada para a defensiva e para as ações passivas contra o inimigo. Esta doutrina foi substituída por uma nova, de origem norte-americana, dotada de forte motorização e de cunho ofensivo.

Os norte-americanos idealizaram uma nova forma de combater, com a finalidade de fazer frente à Blitzkrieg<sup>5</sup> dos nazistas. Foi ensinada aos brasileiros a partir da tradução, para o português, de manuais enviados pelos EUA e pelo conhecimento trazido por oficiais do Brasil que estagiaram com os aliados<sup>6</sup>. No entanto, ao se analisar a foto 3, observa-se ainda o arraigado apego aos procedimentos franceses de fortalecimento motor por meio da educação física, em que o principal era a idéia de repetição e disciplina física para se atingir ao objetivo de transformar jovens em soldados<sup>7</sup>. No entanto, naquele momento, perseguia-se o conhecimento prático dos armamentos, das viaturas, das novas táticas e outras técnicas inéditas para grande parte dos militares.

A foto é um flagrante de um treinamento comum, ocorrido durante o período de estacionamento das tropas no Rio de Janeiro. Simulava-se um desembarque de um navio que supostamente estaria sendo afundado por torpedos lançados de submarinos inimigos. Considerando a praticidade e objetividade dessa atividade, não havia aspectos positivos, haja vista que relatos de naufragos falam sobre o pouco tempo existente para qualquer

<sup>5</sup> DAVIES, Norman. **Europa na Guerra: 1939-1945**. Rio de Janeiro: Record, 2009.p. 175.

<sup>6</sup> BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado – Maior na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p 46.

<sup>7</sup> FONSECA. **Ruy de Oliveira**. Depoimento [Mai. 2005]. Entrevistador: Marcos A. Costa. Juiz de Fora: UFJF – MG, 2005. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para a dissertação do autor.

situação de desembarque de emergência<sup>8</sup>.

Durante a viagem, observou-se que os navios americanos General Meigs e General Mann, que transportaram os batalhões, possuíam diversos compartimentos horizontais, contados da proa ao fundo da embarcação, o que dificultaria qualquer desembarque<sup>9</sup>. Logo, o treinamento foi nada mais que um prolongamento das atividades físicas, feito para preencher a falta de materiais modernos, que só seriam recebidos na Itália, e para compensar o próprio desconhecimento dos instrutores.

Na Itália, país no qual a FEB desembarcou para os combates a partir de 16 de julho de 1944, todos os brasileiros tiveram que passar pelo treinamento de fato. Nessa fase, aprenderam as técnicas que estavam sendo empregadas nas batalhas, conheceram e utilizaram os armamentos que só viram em manuais e, pouco a pouco, tornaram-se aptos para participar da guerra<sup>10</sup>.

As atividades que antecederam os combates foram úteis para formação dos soldados, diferentemente do que ocorreu no Brasil. Na foto 4, há uma instrução de maneabilidade de tropas, forma de se locomover utilizada durante o ataque, uma novidade para os militares brasileiros formados nos ensinamentos da guerra das trincheiras.

Foto 3 - Treinamento de desembarque.



<sup>8</sup> **História Oral do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2001. Vol I. p. 58.

<sup>9</sup> SANTOS, **João Evaristo dos**. Depoimento [Out. 2004]. Entrevistador: Marcos A. Costa. Juiz de Fora: UFJF – MG, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para a dissertação do autor.

<sup>10</sup> BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960. p. 75.

Foto 4



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 2011.

#### **4 A VIAGEM**

Por ocasião da viagem de ida para a Itália, o comando da FEB decidiu não fornecer informações para a sociedade nem mesmo para os febianos<sup>11</sup> sobre os dias de embarque e os locais de desembarque, alegando a necessidade de se ocultar essas informações para inimigo visando preservar a segurança da tropa<sup>12</sup>.

A viagem desenvolveu-se em cinco escalões de viagem, feitas nos navios norte-americanos, que, iniciadas em julho de 1944, só se encerrariam em fevereiro de 1945, com a chegada dos últimos homens.

Foram muitas as dificuldades que existiram para grande parte dos homens enquanto na embarcação. Muitos não conheciam o mar, nunca haviam sido transportados em um navio nem foram alertados quanto às dificuldades provenientes de enjôos, falta de espaço e ociosidade. Além da saudade constante da família, agravada pela falta de uma despedida de seus familiares quando do embarque no Brasil<sup>13</sup>.

Na Foto 5, o pracinha conduz seu material para embarcar, trajando sua farda um tanto amassada, com seu saco de bagagem sobre a cabeça, semelhante às lavadeiras dos subúrbios ou de localidades ribeirinhas, sem contudo deixar de lado seu violão, companheiro de rodas de música e laço cultural com sua terra. Ao fundo, nessa bela foto oficial, observa-se o navio

<sup>11</sup> Designação informal dos veteranos da FEB que atuaram na Itália.

<sup>12</sup> BRAYNER, Floriano de Lima. Op. Cit. p. 85.

<sup>13</sup> BRAYNER, Floriano de Lima. Op. Cit. p. 87.

Foto 5



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 2011.

americano de transporte americano.

Na Foto 6, podemos avaliar a amplitude do desconforto vivido durante os quatorze dias de viagem em alto-mar. O pouco espaço era dividido com até 12 homens e com todo o seu material de uso imediato, o chamado saco “a”, que cada um tinha o direito de conduzir. A outra parte do material, como mudas de roupas, foi em outro contêiner, era o chamado saco “b”<sup>14</sup>. Na foto do DIP quase não é possível diferenciar onde estão os pracinhas no amontoado de bagagem dispostos nas camas estreitas.

Na Foto 7, febianos procuram passar o tempo de viagem no convés do navio, já que nos alojamentos era insuportável o calor<sup>15</sup>. Na imagem, observa-se a preocupação com a segurança, com a medida imposta pelos marinheiros americanos do uso constante do salva-vidas. Ainda observamos o confronto de duas formas culturais, a popular e a erudita. Um grupo de soldados joga um “carteado” de baralho, enquanto um outro grupo, ao lado, está atento nos movimentos de um jogo de xadrez. Eram os muitos brasis se encontrando pela primeira vez para uma guerra em um país ainda desconhecido.

<sup>14</sup> FONSECA. **Ruy de Oliveira**. Depoimento [Mai. 2005].

<sup>15</sup> RODRIGUES. **Geraldo Teixeira**. Depoimento [Out. 2005]. Entrevistador: Marcos A. Costa. Juiz de Fora: UFJF – MG, 2005. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para a dissertação do autor.

Foto 6



Foto 7



Fonte:– Sulla eTrotta,. Op. Cit. p. 58.

## 5 A GUERRA

Com a chegada do primeiro escalão, os primeiros cinco mil homens foram, devido aos problemas de falta de efetivos no front, colocados em combate apenas dois meses depois. Com os dois próximos escalões, ocorreu da mesma forma; chegaram em setembro e, em novembro de 1944, foram colocados em combate<sup>16</sup>. Foi quando se iniciaram os ataques mal-sucedidos ao Monte Castelo.

A FEB conseguiu bons resultados durante os seus três primeiros meses de combates e o Monte Castelo era visto como mais um objetivo. Com o fracasso em seus três primeiros ataques e a chegada do inverno mais rigoroso do século na Itália, a guerra estacionou naquela posição<sup>17</sup>.

O inverno foi uma das grandes novidades e dificuldades que os brasileiros tiveram que vencer na 2ª GM. Nessa época, os noticiários brasileiros já mantinham alguns correspondentes para fornecer à população, informações sobre a participação brasileira. Com isso, ganhou em qualidade a documentação fotográfica da campanha, já que, antes de novembro, somente os funcionários do DIP foram autorizados a cobrir a guerra. Mesmo com as dificuldades em identificar a autoria de muitas fotos, durante a pesquisa constatou-se que parte delas foi realizada por Thassilo Mitke, da Agência Nacional, segundo a catalogação do Arquivo Histórico do Exército.

A Foto 8 mostra uma patrulha brasileira em ação de reconhecimento próximo ao Monte Castelo, já no final de 1944. Com a terra coberta de neve e os soldados armados com fuzis e granadas pelo corpo, eles caminhavam com dificuldade e atenção pelo terreno.

Essa é uma foto que procura passar ao observador como era de fato esse tipo de ação e suas peculiaridades. Mesmo rica no seu argumento, ela não é uma foto flagrante, mas sim preparada, haja vista a disposição dos homens: enfileirados e próximos uns dos outros. Isto era proibido pela doutrina, já que possibilita maiores baixas por explosões de granadas e minas, que lançavam estilhaços à 25 metros de raio.

Na próxima foto (N. 9) os soldados procuram se aquecer em um pequeno fogão dentro de uma instalação subterrânea, que havia sido abandonada pelos alemães e servia de alojamento para descanso. Nela se observam as dificuldades de uma guerra marcada pelo frio intenso. Os soldados provavelmente chegavam de uma patrulha, pois um deles se encontra ainda de capacete e outro tem suas botinas sujas de neve.

Com a vitória em Monte Castelo, as ações foram retomadas em busca

<sup>16</sup> MCCANN JR, Frank D. Op. Cit. p. 239.

<sup>17</sup> Ibidem. p. 254.

do término da guerra. As repercussões dessa vitória foram altamente positivas no Brasil, que já temia por um vexame brasileiro em terras italianas<sup>18</sup>. As três tentativas frustradas da FEB para a conquista da posição, levou ao comando americano aventar a possibilidade de colocar os brasileiros na reserva, para que pudessem reforçar o seu treinamento.

Poucas são as fotos de mortos que existem em arquivos públicos e até particulares sobre a FEB. Isso é explicado pelo ato proibitivo do ponto de vista legal e moral seguido pelos aliados e pela imprensa nacional. Além disso, os mortos eram, de acordo com a doutrina de guerra, rapidamente apanhados e levados para catalogação e sepultamento, evitando doenças ou abalos no moral combativo do soldado.

Foto 8



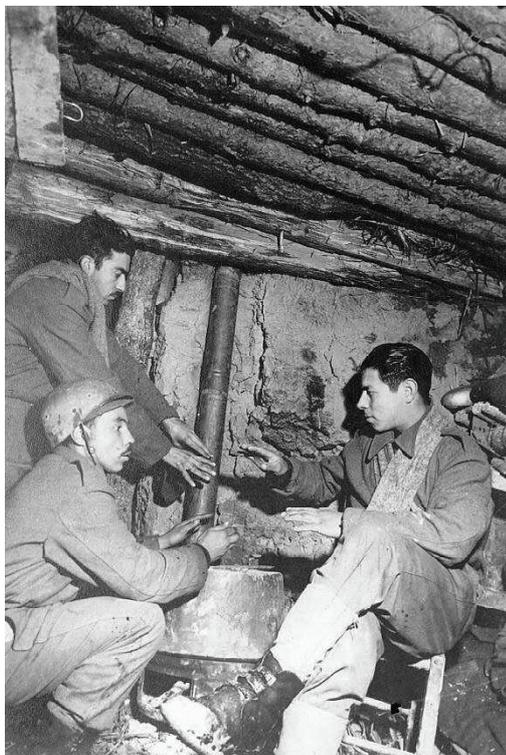
Fonte: SULLA & TROTA. Op. Cit. p. 65.

Na Foto 10, o Capelão Militar, Frei Orlando (também morto na guerra), posta-se ao lado de um cadáver insepulto havia meses devido à neve. O defunto, devido ao frio, encontrava-se conservado e facilmente reconhecível. O Frei aponta para um local que indica um explosivo próximo ao corpo. A foto choca pela crueldade em que o corpo foi achado, mas

<sup>18</sup> MCCANN JR, Frank D. Op. Cit. p. 257.

também pela mesma crueldade em fazer de um corpo o chamariz para novos mortos. Os alemães costumavam colocar armadilhas ao lado de cadáveres para que, quando fossem removidos, houvesse mais vítimas<sup>19</sup>.

Foto 9



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 2011.

São abundantes as fotos ou material cinematográfico sobre a FEB sobre os aspectos da retaguarda da guerra, em que ficavam as cozinhas, o quartel-general, as enfermarias ou a artilharia. São locais que ficam geralmente a 10 ou 15 km do *front*, onde o perigo é mais iminente.

A Foto 11 nos mostra um dos trabalhos realizados pelos militares da retaguarda, como o importante grupo de saúde que existia em cada fração da FEB, desde o simples enfermeiro que acompanhava um pelotão, até o hospital de campanha.

Vê-se um ferido levado de maca pelos enfermeiros brasileiros e um deles aponta o local em que o homem deverá ser levado para o atendimento. Pela vestimenta de parte do grupo, já que a maioria está sem capacete, indica que tratava-se de uma enfermaria recuada de um determinado batalhão.

<sup>19</sup> NICODEMOS, José Maria da Silva Nicodemos. Depoimento [Dez. 2007]. Entrevistador: Marcos A. Costa. Juiz de Fora: UFJF – MG, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida à dissertação do autor.

Foto 10



Fonte:- SULLA & TROTA. Op. Cit. p. 73.

Foto 11



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 2011.

Apesar dos receios dos fotógrafos, sejam esses profissionais ou não, fotos de todas as áreas de atuação da FEB foram confeccionadas e mostram toda a complexidade e importância do trabalho de cada membro durante a campanha.

Foto 12: Max Wolff e sua patrulha



Fonte. SULLA & TROTA, Giovanni e Ezio. p. 80.

Nos momentos finais da guerra, o Brasil participou na tomada da localidade de Montese, em abril de 1945. Esse evento é considerado o mais sangrento em que participaram os brasileiros, com trinta e quatro mortos em quatro dias de combate<sup>20</sup>.

Dias antes de Montese, porém, uma ação de uma pequena patrulha brasileira daria à história o maior herói da FEB, segundo a visão de seus próprios participantes. Após ser entrevistado e fotografado por Joel Silveira, correspondente dos Diários Associados, o sargento Max Wolff Filho, um curitibano que integrava o 11º RI (Regimento de Infantaria) de São João Del Rei, conduzia seus homens com a finalidade de resgatar um oficial ferido. Na ação, Max Wolff foi morto por tiros de uma metralhadora alemã<sup>21</sup>. Na foto 12, Wolff está confiante e mostra sua segurança aos seus soldados que sorriem antes da partida e mostram suas armas como que prontos para qualquer tipo de ação. Talvez seja uma das fotografias mais significativas daquela guerra, pois se trata do nascimento de um herói, visto hoje como um mito dentro dos quartéis.

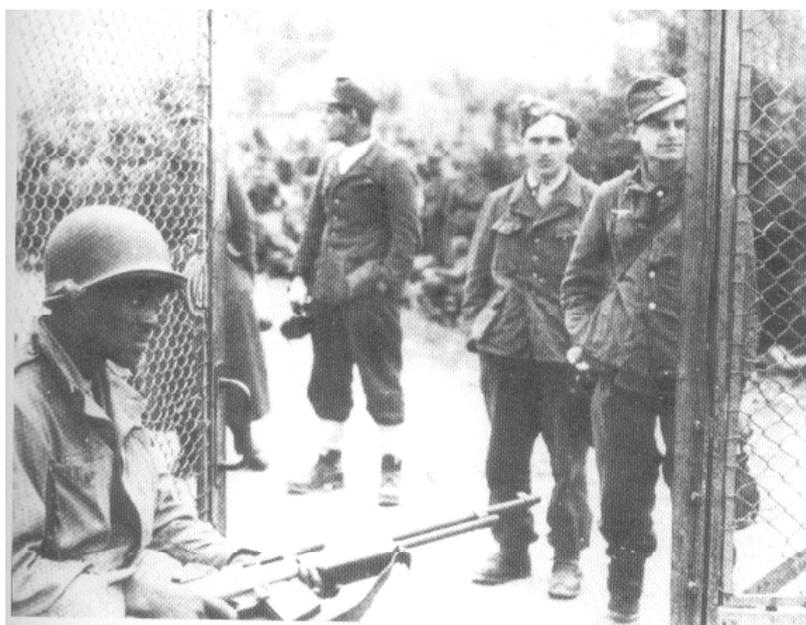
Nos últimos dias da participação brasileira, os alemães procuravam se render às tropas aliadas, diante da impossibilidade de reverter a situação

<sup>20</sup> BRANCO, Manoel Thomaz Castello. Op. Cit. p. 292.

<sup>21</sup> SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 107.

ao seu favor. A Foto 13 mostra um soldado brasileiro igual a tantos humildes garotos do país. Seu trabalho era guardar os prisioneiros alemães da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, mais de 14000 homens, inclusive dois generais<sup>22</sup>. É a imagem do Brasil impondo-se à ex-poderosa Alemanha.

Foto 13: Prisioneiros alemães



Fonte: SULLA & TROTA, Giovanni e Ezio. p. 83.

Foto 14



Fonte:Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 2011

<sup>22</sup> BRANCO. Manoel Thomaz Castello. Op. Cit. p. 301.

## 6 O RETORNO AO BRASIL

Com o fim da guerra, o Brasil fez parte das forças de ocupação do território italiano de maio até junho de 1945, quando a FEB foi dissolvida ainda em território italiano<sup>23</sup>, os aliados deram por encerrada a necessidade da participação brasileira, acarretando no retorno dos escalões de navios para o Brasil.

Antes disso, já retornaram aqueles que foram feridos com gravidade, tendo que receber maiores cuidados nos hospitais do Brasil e até dos Estados Unidos<sup>24</sup>.

O povo mostrou-se satisfeito com a participação brasileira na 2ª GM, como se vê na Foto 14, última de nossa análise. Na imagem, observamos o centro do Rio de Janeiro ornamentado para o desfile das tropas que chegaram em cinco escalões ao longo de dois meses de viagem<sup>25</sup>. Existe uma sinergia de união, uma das poucas em muitos anos de história brasileira, significativa para reconhecer a importância (ainda que nos dias de hoje não seja lembrada) dos heróis brasileiros na Itália.

## 7 CONCLUSÃO

A participação da FEB no maior conflito da História envolveu muitos processos entre a declaração da guerra feita pelo Governo Vargas em 1944, passando pela mobilização e seleção de pessoal, os treinamentos, a ida para o campo de batalha, os combates, a ocupação da Itália e o retorno dos combatentes.

Muitos viveram a experiência única de fazer parte de um evento que mudou o mundo, conheceram lugares diferentes, sentiram um medo aterrorizante, seja de matar ou de morrer. Fizeram e perderam amigos tão rapidamente quanto amadureceram como indivíduos. Escreveram, enfim, cada um com sua contribuição, a história da FEB, adquirindo uma visão própria do evento, tornando multifacetadas as narrativas históricas desse acontecimento.

Aliada a essas múltiplas visões, temos a natural dimensão desse acontecimento histórico, em que inúmeras fontes foram criadas desde então. Dessa forma, acreditamos que o uso da fotografia é um objeto de importância a mais na sua construção histórica, devido à captação do instante, cristalizando os detalhes e consolidando a memória.

<sup>23</sup> NICODEMOS, José Maria da Silva Nicodemos. Depoimento [Dez. 2007].

<sup>24</sup> MONTEIRO, Raimundo Nonato Monteiro. Depoimento [Abr 2006].

<sup>25</sup> BRANCO. Manoel Thomaz Castello. Op. Cit. 323

Há de se ressaltar, no entanto, que como em qualquer tipo de fonte, há o caráter falível de ser selecionável segundo os critérios de seu autor, ou até mesmo, na sua manipulação como instrumento político e ideológico, capaz de mobilizar opiniões na sua capacidade de motivar emoções diante da ativação da mente pela imagem.

As fotos aqui analisadas mostram um grupo de pessoas heterogêneas, simples, jovens, alegres e motivadas naquilo que se propunham a realizar, independentemente do tempo, da saudade e dos receios. Elas, mesmo as de caráter institucional, conseguiram extrair essa sinceridade emotiva dos veteranos, o que não foi possível em muitas memórias escritas.

Dessa forma, observamos como válido o estudo do material iconográfico para, em conjunto a outras fontes, como a oral e a documental, possibilitar que novas hipóteses e conclusões surjam sobre a FEB.

**Artigo recebido em: 15/02/2011**

**Artigo aceito para publicação em: 08/6/2011**

## REFERÊNCIAS

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um Chefe de Estado – Maior na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DAVIES, Norman. **Europa na Guerra**: 1939-1945: uma vitória nada simples. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória**: reminiscências e diário de campanha. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2002.

GONÇALVES, Carlos Paiva. **Seleção Médica do Pessoal da FEB**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1946.

MCCANN JR, Frank D. **A aliança Brasil-Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro, Objetiva: 2005.

TROTA, Ezio; SULLA, Giovanni. **Glio Eroi Venuti Dal Brasile**: Storia fotografica Del Corpo di Spedizione brasileiro in Itália (1944-45). Modena: Edizione Fiorino, 2005.